CULTURA VISUAL E DIGITAL NAS NARRATIVAS IMAGÉTICAS POR IAS GENERATIVAS: QUESTÕES COLONIALISTAS NA CONSTRUÇÃO DE IMAGENS ROBÓTICAS

Manoela Albuquerque Zalite (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Arnaldo Martin Szlachta Junior (Orientador). E-mail: ra143660@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas e Artes, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Linguística, Letras e Artes / Artes/ Artes do Vídeo

Palavras-chave: IAs, Cultua Visual. Imagens, Imagens étnico-raciais

RESUMO

Esta pesquisa investiga como ChatGPT, Gemini e Microsoft Copilot representam sujeitos, culturas e marcadores étnico-raciais a partir de comandos textuais (prompts). De natureza qualitativa e exploratória, o estudo analisa o corpus visual gerado por essas ferramentas em quatro eixos: pertencimento étnico-racial, variação controlada de perfil, cultura e territorialidade, e profissões e trabalho. Os resultados demonstram que, embora apresentem elevado realismo formal, as imagens algorítmicas não são neutras nem transparentes. Ao contrário, frequentemente reproduzem simplificações, estereótipos e heranças coloniais. Destacam-se dois achados centrais: a construção de representações "pan-indígenas" genéricas e descontextualizadas, a exemplo de comunidades indígenas do Paraná retratadas com elementos híbridos e anacrônicos; e a inserção automática de logotipos e elementos corporativos não solicitados em imagens de ocupações urbanas, como entregadores. Além disso, testes com variação de marcadores sociais evidenciam que raça, gênero e idade ativam repertórios preconceituosos preexistentes nos dados de treinamento.

INTRODUÇÃO

A cultura visual ocupa lugar central nas sociedades contemporâneas. Imagens circulam de forma intensa em redes sociais, plataformas de vídeo, sistemas de busca, ambientes educacionais, meios de comunicação e ferramentas digitais. Elas não apenas ilustram informações: selecionam perspectivas, produzem identificações, reforçam classificações sociais e interferem na maneira como sujeitos, territórios e grupos culturais são percebidos.

Com o avanço da Inteligência Artificial generativa, a produção de imagens tornou-se mais acessível e veloz. A partir de comandos textuais, os prompts, usuários podem solicitar representações visuais de pessoas, profissões, grupos

étnicos, práticas culturais, paisagens e símbolos. Ferramentas como ChatGPT, Gemini e Microsoft Copilot transformam linguagem escrita em imagens com elevado grau de verossimilhança visual. Essa aparência de realismo, contudo, não garante precisão histórica, cultural ou etnográfica.

As imagens geradas por IA emergem de modelos computacionais treinados em grandes conjuntos de dados, cujos critérios de seleção, classificação e circulação não são plenamente transparentes para o público. Por isso, os sistemas podem reproduzir associações estereotipadas, simplificações culturais e combinações incoerentes de símbolos, lugares, fenótipos e vestimentas (Buolamwini; Gebru, 2018).

Essa preocupação é ainda mais relevante quando se analisam grupos historicamente subordinados ou reduzidos a imagens genéricas. A representação de povos indígenas, populações negras e sujeitos racializados exige atenção às especificidades históricas, territoriais e culturais. A homogeneização de experiências diversas pode reforçar perspectivas coloniais que transformam povos concretos em tipos visuais abstratos (hooks, 2019).

Os estudos decoloniais contribuem para problematizar essas operações. Mignolo (2007) demonstra como modernidade e colonialidade constituem processos articulados, marcados pela produção de hierarquias de conhecimento, cultura e humanidade. Imagens aparentemente neutras podem reproduzir classificações coloniais quando associam determinados grupos a exotismo, atraso, natureza, pobreza, violência ou subalternidade.

A presente pesquisa investiga como ChatGPT, Gemini e Microsoft Copilot representam sujeitos, culturas e marcadores étnico-raciais em imagens produzidas a partir de comandos textuais, buscando identificar padrões visuais, recorrências estereotipadas, combinações culturalmente inadequadas e elementos não solicitados pelos comandos.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa possui natureza qualitativa, exploratória, comparativa e documental. Seu objeto empírico é constituído por imagens produzidas por sistemas comerciais de Inteligência Artificial generativa: ChatGPT, Gemini e Microsoft Copilot. As imagens são consideradas produtos algorítmicos que condensam repertórios visuais, padrões estatísticos e escolhas técnicas inscritas nos modelos.

A análise parte do entendimento de que sistemas de IA generativa podem produzir respostas visualmente persuasivas sem garantir adequação histórica, cultural ou etnográfica. As interações e os comandos empregados foram registrados para comparação dos resultados.

O corpus foi composto por imagens produzidas a partir de prompts organizados em quatro eixos: pertencimento étnico-racial; variação controlada de perfil; cultura e territorialidade; e profissões e trabalho. Os comandos examinaram povos indígenas do Paraná, alterações de raça/cor, gênero e idade sob condições equivalentes, relações entre corpos e referências culturais e associações entre ocupações e elementos comerciais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise comparativa das imagens geradas por ChatGPT, Gemini e Microsoft Copilot indicou elevado realismo formal, mas nem sempre correspondência a especificidades históricas, culturais e étnico-raciais. Foram identificadas recorrências entre grupos sociais, corpos, territórios, vestimentas e símbolos.

Um dos casos mais expressivos ocorreu na representação de povos indígenas do Paraná. Na imagem gerada pelo ChatGPT, observou-se um personagem com elementos não historicamente contextualizados: cocar com penas integralmente azuis e grafismo corporal associado a simbologia celta (Wzorek, s.d.). A justaposição transforma referências culturais distintas em repertório genérico.

Ao representar indígenas por adornos genéricos, cenários naturalizados e grafismos deslocados de seus contextos, a IA tende a produzir uma imagem pan-indígena, reforçando a ideia de um grupo homogêneo, situado fora do tempo presente e definido por marcas exóticas.

A crítica decolonial permite compreender esse problema como continuidade de formas coloniais de representação e classificação de populações (Mignolo, 2007).

Outro resultado relevante ocorreu com a profissão de entregador de motocicleta. No Gemini, a imagem apresentou marcas e empresas ausentes do prompt. Não é possível afirmar que decorram de publicidade ou acordos comerciais; entretanto, elementos de marca não solicitados demonstram associações entre profissões e corporações específicas.

Nos testes com variação de marcadores étnico-raciais, preservando-se nome, idade, profissão e gênero, alterações no prompt modificaram tonalidade da pele, vestimenta, localidade, traços faciais, condição socioeconômica presumida, postura corporal e cenário. Raça, gênero e idade acionaram repertórios visuais previamente associados a determinadas identidades.

A mudança de um único marcador pode revelar associações entre raça, trabalho, território e status social (Almeida, 2019; Bento, 2022). Assim, as imagens geradas por IA devem ser lidas criticamente, e não como fontes visuais transparentes.





Figura 1 — Representação de povos indígenas do Paraná gerada pelo ChatGPT.
Fonte: imagem produzida pela plataforma ChatGPT,

Figura 2 — Representação de entregador de motocicleta gerada pelo Gemini, com referências comerciais não solicitadas.
Fonte: imagem produzida pela plataforma Gemini,

CONCLUSÕES

A pesquisa evidenciou que imagens produzidas por Inteligência Artificial generativa não são representações neutras ou plenamente fiéis da realidade. ChatGPT, Gemini e Microsoft Copilot operam com padrões estatísticos e repertórios culturais que podem resultar em simplificações, estereótipos e associações historicamente inadequadas.

Nas representações de povos indígenas do Paraná, identificou-se homogeneização cultural e combinação de elementos de contextos diferentes. Também foram observadas associações não solicitadas entre profissões e elementos corporativos. Já os testes com marcadores étnico-raciais, gênero e idade mostraram que pequenas mudanças nos prompts podem produzir diferenças expressivas nas imagens.

Conclui-se que o uso de IA generativa em contextos educativos, acadêmicos e sociais exige letramento crítico visual e digital. Essas imagens precisam ser confrontadas com fontes especializadas, conhecimentos comunitários, pesquisas históricas, produções artísticas e debates sobre representatividade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Estadual de Maringá pela oportunidade de desenvolvimento da pesquisa. Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq — pelo financiamento que viabilizou este estudo. Agradeço, especialmente, ao Professor Dr. Arnaldo Szlachta pela orientação, dedicação e acompanhamento durante a realização do projeto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. ***Racismo estrutural***. São Paulo: Jandaíra, 2019.

BENTO, Cida. ***O pacto da branquitude***. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BUOLAMWINI, Joy; GEBRU, Timnit. Gender shades: intersectional accuracy disparities in commercial gender classification. In: **Proceedings of Machine Learning Research**, v. 81, p. 1-15, 2018.

HOOKS, bell. ***Olhares negros: raça e representação***. São Paulo: Elefante, 2019.

MIGNOLO, Walter D. ***The darker side of the Renaissance: literacy, territoriality, and colonization***. 2. ed. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2007.

WZOREK, Elaine. **Um passeio pelos símbolos celtas**. *E-Dublin*, [s.d.]. Disponível em: <https://www.edublin.com.br/um-passeio-pelos-simbolos-celtas>. Acesso em: 30 jul. 2026.